



**INTERLIGANDO OLHARES PEDAGÓGICOS: RELATO DE PESQUISA  
PARTICIPANTE NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ – SE**

**Lucélia da S. dos Santos<sup>1</sup>**

lucelciasanttos@gmail.com

**Alice Carla dos Santos<sup>2</sup>**

alicecarla096@gmail.com

**Isaura Lays Sá F. de Souza<sup>3</sup>**

layys15@hotmail.com

**RESUMO**

O objetivo do artigo é refletir as formas de ensino-aprendizagem a partir dos olhares pedagógicos vivenciados durante a visita ao Museu Arqueológico de Xingó (MAX), localizado em Canindé de São Francisco do Estado de Sergipe. A experiência e a reflexão, resultou em uma atividade do campo como requisito parcial para a conclusão da disciplina Saberes e Metodologia do Ensino de História I (SMEHI) do curso de pedagogia. As observações realizadas, resultaram na vivência informal visitada ao MAX, que deixou evidenciado as possibilidades de ensino para as crianças de 0(zero) a 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses de acordo com a faixa etária da Educação Infantil (EI), descrito pela LDBN 9394/96. Um dos olhares apontam-se especificamente para a explicação das dimensões e multiplicidades dos espaços do Museu Arqueológico direcionado aos olhares pedagógicos, possibilitando assim a tradução e produção dos conhecimentos para as crianças que poderá ser atribuídos a eles durante a participação ao Museu, a importância em respeitar a linguagem das crianças e compreender as suas singularidades e particularidades de cada indivíduo. Os procedimentos metodológicos do artigo, foram de observação participante e instrumentos como o diário de campo e registros fotográficos para coleta de dados, o Museu traz de forma direta para as crianças novos olhares que adentram sobre os conhecimentos da cultura e dos povos indígenas e descendentes, assim percebemos que a construção do passado é fruto do presente, havendo a presença do ensino interdisciplinar na sala de aula, a junção dos saberes trabalhados pelos professores polivalentes, não trabalhando o Museu apenas como artefatos históricos, mas englobando todos os aspectos que se adentram ao ensino pedagógico.

**Palavras-Chave:** Criança. Cultura. Educação. Identidade.

**1 INTRODUÇÃO**

<sup>1</sup> Estudante de graduação da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão;

<sup>2</sup> Estudante de graduação da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão;

<sup>3</sup> Estudante de graduação da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão;

Os olhares pedagógicos presenciados na visita ao Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), durante aula de campo da disciplina Saberes e Metodologia do Ensino de História I (SMEHI), durante o mês referente de agosto de dois mil e dezoito, constituiu em uma pesquisa participante e teve como objetivo interligar os olhares pedagógicos e possibilidades do ensino de História na Educação Infantil.

O Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), é localizado no município de Canindé de São Francisco no Estado de Sergipe, mantido pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). O MAX, foi fundado em abril de 2000, e tem como objetivo guardar, preservar e divulgar os bens culturais resultantes do salvamento arqueológico realizado por vários pesquisadores entre os anos de 1988 a 1997. Diante da expansão do museu, o mesmo possibilita um ensino multidisciplinar e interdisciplinar, através do diálogo entre campos de conhecimentos afins e até distintos, dentre eles podemos destacar arqueologia, História, Pedagogia, Química, Educação Ambiental, entre outros, estes pressupostos dialogam com a educação, não sendo considerado somente ao ensino da história.

O Max é dividido em 18 espaços, além do mini auditório. O primeiro espaço é apresentado a amostra de um sítio de escavação de 6 metros e 40 centímetros, onde este é a simulação do sítio Justino com réplicas de materiais de escavação. O segundo encontra-se o mapa das Américas, o mesmo tem como efeito melhorar o entendimento dos. O terceiro encontra-se um mapa dos sítios arqueológicos de Alagoas, Sergipe e Bahia. O quarto espaço representa o mundo simbólico de pintura com obra plástica, em que é representada como o homem da época pintava as paredes. No quinto encontra-se desenhos feitos em rochas. No sexto espaço encontra-se uma obra plástica representando um homem sentado em uma pedra, fazendo fogo com pedras. O sétimo apresenta uma exposição de artefatos feitos em pedras, diante disso o guia explica ao público se há técnicas para saber se a pedra é ou não formas de lascamentos. O oitavo espaço é composto por formas e usos lascados e polidos é uma continuação do espaço anterior. O nono espaço é uma parede completa feita por pedra, onde essa pode ser tocada, e fica a critério dos visitantes deduzir cada desenho. O decimo e o decimo primeiro representa os materiais feitos com o barro, e as construções feitas em cerâmicas. No decimo segundo é representado a seca, bem a margem de um rio onde eles escolheram para viver. Já o decimo terceiro até o decimo sexto, observamos réplicas de

esqueletos, onde esses mostram vestígios de ossos, e acessórios que eram feitos desses ossos. No decimo sétimo espaço tem uma representação de casa, exposições de quadros, enfeites nordestinos e etc. No decimo oitavo e último espaço, encontra-se um quadro pintado com tinta, que este conta a história de desse povo em cenas pequenas.

Esses espaços retratam uma sequência de acontecimentos pré-históricos, até os dias presentes. A exposição do museu se dá por meio de gravuras, pinturas, mapas e explicando toda a trajetória do povoamento da região, incluindo artesanatos de cerâmicas e pedras, vestígios de ossos encontrados, algo que desperta bastante curiosidade das crianças.

Discutir sobre cultura e a ressignificação da identidade adquirida após a visita ao Museu torna-se indispensável, principalmente quando nos afetamos e adquirimos e produzimos conhecimentos diante de um cenário arqueológico é indispensável. Nessa perspectiva a pesquisa fundamenta-se em perceber de que forma o Museu Arqueológico contribui na vida da criança e da sociedade e quais as possibilidades de utilização como técnica de ensino nos anos iniciais. O Museu arqueológico de Xingó, traz em sua exposição um ambiente agradável, por construir gradativamente na contribuição de conhecimentos, para isso os visitantes aprendem de forma atrativa toda a pré-história das comunidades residentes nas margens do Rio São Francisco. A forma como o Max, foi construído, tem por expectativa que os visitantes saiam de lá com um novo olhar, adentrado de conhecimento arqueológico. Cada simulação feita no museu, relata a forma como viviam nossos antecedentes. Tudo que foi construído desperta um olhar de curiosidade, e é justamente isso que nossa pesquisa quer relatar a partir das impressões, observações e reflexão teórico científica sobre o espaço do MAX e as possibilidades de ensino-aprendizagem das observações.

Para melhor entendimento, estruturamos três grandes perspectivas, são elas: as exposições, a pesquisa, e os projetos. Assim, ao ver o Max, que se tornou uma peça de suma importância no cenário turístico e cultural, refletimos a partir de um olhar pedagógico as possibilidades de ensino-aprendizagem nos anos iniciais utilizando o espaço dos museus. É importante ressaltar que o museu arqueológico é associado a mais exposições do que as pesquisas, pois, é nas exposições e em

toda a sua estrutura que percebe o despertar das curiosidades, o gosto de entender e aprender sobre a pré-história.

## **2 A CRIANÇA E A SUA PARTICULARIDADE NOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM NO MUSEU**

É na idade pré-escolar que as crianças conseguem absorver mais informações diante dos conteúdos dado pelos professores, seja em aulas expositivas dialogadas com as brincadeiras ou em atividades do campo, sendo elaboradas de atividades formal e informal. (Que podem ser na escola ou em outros lugares fora da escola), visando a construção dos conhecimentos prático e teórico.

Para discorrer sobre a temática a atividade formal e informal com crianças da educação infantil, cuja idades correspondentes são de 0 (zero) a 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses, tendo em vista os olhares pedagógicos, sendo de caráter investigatório/construtivo, junto a isso a construção dos conhecimentos prático e teórico a partir da visita ao espaço Museu Arqueológico de Xingó (MAX). Para Gohn (2006) os dois conceitos são:

[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidiano (GOHN, 2006, p.28).

Em suma, os museus adentram atividades de caráter informal, trançando desenvolvimentos pedagógicos no qual a criança abstrai entendimento/conhecimento nos espaços informais de ensino. Para alguns adultos, as crianças não têm a capacidade de compreender os estudos e pesquisa do museu. Entretanto, os olhares pedagógicos entendem o MAX como uma das múltiplas linguagens existentes no convívio social da criança.

As crianças conseguem compreender as linguagens e o que está ao seu redor, sendo retratada como imagens, datas históricas ou percebendo a expansão existente do museu. É um espaço educativo e de conhecimentos pedagógicos, buscando remodelar os hábitos das atividades formais da escola, abrangendo novos

pensamentos referentes aos contextos históricos, para Magaly Cabral (2002), informa que se o patrimônio é terreno em construção, fruto de eleição, campo de combate, espaço de relações humanas, é também “meio de comunicação e campo de educação”, mas ainda prevalece a ideia que os artefatos do museu são antigo, não existindo relevância para a aprendizagem das crianças.

Santos afirma:

Museu para a maioria dos professores e alunos, ainda permanece como “um local onde se guarda coisas antigas”. Do mesmo modo, o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, cabendo às pessoas, sujeitos sociais, contemplá-lo, de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida, no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos. (SANTOS, 2002, p.311).

As crianças aprendem novos conhecimentos, culturas, costumes e etnias para compreensão do que aconteceu no passado é reflexo do presente e futuro, é um espaço educativo e que permite a construção de conhecimentos que poderão ser perpassados para outros sob diálogos, fotos ou depoimentos, que são acréscimos para a construção do indivíduo que está em processo de formação social.

Desenvolver atividades com crianças não rebusca somente o ensino da alfabetização e letramento, mas espera expandir fundamentos pedagógicos fora da escola, para que as crianças possam expandir novos olhares.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para o alcance dos objetivos do presente trabalho, a pesquisa contou com metodologia o emprego da visita ao Museu de Arqueologia de Xingó - SE (MAX) e a observação participante direta, de caráter qualitativo. Tais instrumentos foram estabelecidos a fim de analisar in loco os possíveis dados a serem pesquisados em relação a finalidade e hipóteses preestabelecidas, os quais nos permitiu enquanto pesquisadoras a compreensão da realidade observada. Nessa perspectiva, a pesquisa com observação participante caracteriza-se como:

Um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida

social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (MINAYO, 2016, p. 64).

Prontamente, o propósito deste tipo de observação é interpretar um tema ou uma situação particular através dos significados atribuídos ao fenômeno pelos indivíduos que o vivem. Nesse sentido, a interpretação do museu como espaço propício ao ensino aprendizagem dos anos iniciais, explicitando olhares multifacetados da pedagogia, foi um dos significados que atribuímos durante a pesquisa relacionando ao fenômeno de renovação metodológica no ensino de História.

A técnica realiza-se através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado a fim de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seu próprio contexto (DUVERGER, 1975; CRUZ, 1996). O contato com a realidade de estudo nesse caso o MAX, durante a aula de campo da disciplina de Saberes do Ensino de História I, curso de pedagogia. Nela, o pesquisador deve ser aquele que interage com esse contexto pesquisado, estabelecendo uma relação direta com pessoas ou grupos, acompanhando-os em situações informais ou formais, de modo a interrogá-los sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo.

A interação e a observação participante direta foi primordial na construção desse artigo, tendo em vista que a percepção individual, tornou-se coletiva, assim como a memória individual tornou-se uma memória coletiva dos estudantes que vivenciaram essa experiência.

Queiroz et al. (2007) lista algumas das competências e habilidades esperadas do pesquisador para a realização da observação participante, entre elas, destacamos: Ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos; ser um bom ouvinte; ter familiaridade com as questões investigadas, com preparação teórica sobre o objeto de estudo ou situação que será observada; não ter pressa de adquirir padrões ou atribuir significado aos fenômenos observados; elaborar um plano sistemático e padronizado para observação e registro dos dados; verificar e controlar os dados observados; e relacionar os conceitos e teorias científicas aos dados coletados.

De tal modo, para a construção do relato de experiência, em visita ao museu aproveitamos de uma observação participante, em grupo e sistemática. Com instrumentos de coleta de dados o diário de campo e registros fotográficos. As fotografias foram feitas a partir do acervo arqueológico do MAX, visto que, a imagem pode possibilitar ao pesquisador lembranças e descobertas que no momento passaram despercebidas. E o diário de campo, ou seja, os registros escritos em um caderninho e/ou caderneta; os quais, segundo Minayo (2016) se constitui em um arquivo com todas as informações que são coletadas e não fazem parte de um material formal de entrevistas em suas várias modalidades.

Através dos registros, procuramos evidenciar que o MAX é mais do que um apontamento de pesquisas arqueológicas realizadas em Xingó, ele é também um ambiente de caráter e ação educativa. O conteúdo pré-histórico que nele centrasse possibilita aos diversos públicos - do infantil, ao adolescente e ao adulto – o entendimento sobre as raízes do povo brasileiro, bem como da história da localidade o qual o museu se insere, assim sendo, de grande importância para a formação identitária e cognitiva do sujeito.

As experiências do olhar sobre as pesquisas arqueológicas, suas exposições e artefatos permitem ao visitante a construção de uma consciência crítica acerca da preservação e valorização da cultura patrimonial da nossa região.

Durante a visita, seguimos as recomendações dos guias dos museus fazendo anotações e registros sobre os espaços e materiais expostos. Além de, realizar questionamentos a respeito das dúvidas que foram surgindo no decorrer das exposições, para que servissem de aporte para a construção do relato da pesquisa vivenciada. Buscamos também, com a análise do material existente no museu, interpretar a exposição e desenvolver conceitos baseadas em um contexto universal e pedagógico, para melhor usufruir de uma experiência que logo fosse conduzida futuramente para os nossos alunos nos ambientes da sala de aula.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados discutidos detalhadamente no presente artigo foram viáveis a partir de uma visita realizada no Museu Arqueológico de Xingó (MAX), no dia oito de

julho de dois mil e dezoito, coordenada pela da Prof. Dra. Carla Taciane Figueiredo<sup>4</sup> e da turma do sétimo período de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Figura 1- Fachada do Museu Arqueológico de Xingó, em Piranhas – AL



**Fonte:** As autoras (2018)

O museu é um componente importante para o desenvolvimento turístico da cidade de Canindé de São Francisco, como também, para o fortalecimento da cultura e identidade local. Possibilitando aos visitantes uma reflexão a partir do contato com a experiência vivenciada de diferentes culturas, por meio deste contato o museu passa a oportunizar aos descendentes dos povos indígenas que habitaram o Baixo São Francisco e as outras regiões, que reafirmaram a sua identidade, e aos que não são, a oportunidade de refletirem sobre os aspectos históricos do passado.

Logo no primeiro contato com museu, percebe-se a multidisciplinariedade do ambiente, pois o local serve para mediar diversos olhares, que contemplam o ensino de História, Geografia, Matemática, Português, Ciência, Artes e etc. Acaba por se tornar um espaço cujo a interdisciplinaridade se faz presente interligando as várias disciplinas que perpassam os conhecimentos dos saberes humanos.

Fazenda (2001, p. 22) afirma que:

Nesse itinerário de vários anos, estabelecemos parcerias (categoria maior da interdisciplinaridade) com iguais e diferentes, rede pública ou academia. Pouco a pouco, procuramos atribuir significado às coisas e, nesse processo, aprendemos que a intersubjetividade (princípio primeiro da parceria) é muito mais que uma questão de

---

<sup>4</sup> Doutora em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Sergipe e Universidade Tradicional de Lisboa.



troca, pois o segredo está na intenção da troca, na busca comum da transcendência.

Os Olhares pedagógicos, são percebidos nos elementos do passado ao tempo presente, pois a população Xingoana, tem achados arqueológicos de 9.000 anos antes do presente (A.P.<sup>5</sup>), que indicam como era o modo de sobrevivência, as relações entre pares e a natureza, os utensílios, os registros, ritos e rituais, o espaço que habitaram e como houve a migração para Canindé do São Francisco. Citaremos a seguir alguns olhares pedagógicos que foram observados no MAX:

### **Ensino de história:**

Figura 2- Fachada do Museu Arqueológico de Xingó, em Piranhas - AL



**Fonte:** As autoras (2018)

Essa maquete exposta, um breve histórico de como era a vida dos povos que habitavam o Baixo do São Francisco, desde a forma de moradia, hábitos alimentares, a distribuição das funções que eram divididas para os homens e mulheres. Como por exemplo a caça era destinada para os homens e a preparação dos alimentos eram serviços para as mulheres como pode observar a imagem desses povos viviam a margem do rio São Francisco como forma estratégica de

---

<sup>5</sup> O termo A.P. para à Arqueologia, significa "Antes do Presente". Este termo, tem como base o ano de 1950, por conta dos testes atômicos realizados durante a 2ª Guerra Mundial que desequilibraram a concentração química de alguns isótopos na atmosfera.

subsistência. A partir dessa maquete pode-se trabalhar o ensino de história de forma cronológica mostrando a evolução do tempo passado até o tempo presente. Assim problematizando, discutindo, levantando Hipóteses sobre as mudanças que ocorreram ao longo das décadas.

### **Ensino da Geografia:**

Figura 3- Mapa apresentado no início da exposição



**Fonte:** As autoras (2018)

A partir da explicação dos mapas, podemos observa, os lugares e regiões que foram encontrados os sítios arqueológicos, o território que os ossos e artefatos humanos foram encontrados e perceber o porquê do deslocamento para as terras nordestinas dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas. Esse mapa aqui apresentado, é apenas uma entre muitas outras variáveis obras e vestígios encontrados no museu que podem ser estudados, analisados, discutidos e refletidos de como se trabalhar o ensino de geografia.

## Ensino de Ciências:

Figura 4- Formas de enterramentos



Fonte: As autoras (2018)

Imagem 5- Ritual de preparação do corpo para o sepultamento



Fonte: As autoras (2018)

Essas imagens demonstram algumas das formas de sepultamento indígena, esses povos eram enterrados em vasilhames de cerâmica, havia toda uma preparação do corpo e rituais como mostra a imagem 5. Os ossos que foram encontrados pelos arqueólogos, estavam enterrados, com alguma peça de caça, outros, com parte de ossos de animais, com colorares etc. O ensino de ciência poderia ser trabalhado com a estrutura do corpo humano, o material que era

utilizado nos vasilhames, as ervas que eram usadas nos rituais de sepultamento e a forma de conservação dos ossos.

Segundo Libâneo (1994), o processo de ensino se caracteriza com base na combinação de atividades planejadas e desenvolvidas pelos professores e alunos, como também, pela maneira que as mesmas serão dirigidas até chegar ao desenvolvimento progressivo das capacidades mentais de seus alunos. Faz-se ainda necessário, salientar que o direcionamento do processo de ensino necessita do conhecimento dos métodos dos princípios, das diretrizes, dos procedimentos e de outras formas organizacionais.

Podemos perceber a importância do ensino multidisciplinar, como também, do olhar interdisciplinar para todos os níveis de ensino. Tanto a multidisciplinaridade, quanto a interdisciplinaridade, esteve presente do início ao fim da visita ao museu; a vivência ali apreciada, poderá transformar o aluno em um sujeito crítico, reflexivo e questionador dos aspectos da sociedade moderna, diante das atividades de cunho informal levando a criança a pensar sobre novos mecanismos de conhecimentos advindos não rebuscando somente a escola, mas o ensino pode ser atribuído em outros campos que tenha viés pedagógico para expandir os conhecimentos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para a construção do artigo nos baseamos em observações de cunho participante sob visita técnica ao museu e que venham a ser contingentes para a construção do conhecimento a refletir sobre os aspectos históricos dos nossos antecedentes, não revitalizando apenas ao ensino do saber histórico como também o contemplar dos outros saberes que estão interacionados com a interdisciplinaridade para a construção de novos olhares pedagógicos, para isso usamos o meio de registros fotográficos para demonstrar detalhadamente a presença dos olhares pedagógico em que explicitam a base da construção de novos saberes.

Com isso, fez necessário o uso de textos em sala de aula e perceber que a teoria e a prática são indissociáveis para a construção do conhecimento, e que o Museu é um espaço de ensino-aprendizagem em que se faz o uso da interdisciplinaridade para aprender de forma significativa, fazendo a ação em seu

campo social demonstrando os pontos de localização do museu para entendimento das crianças, e assim desde pequena entender que o museu é um espaço rico em conhecimentos e que se faz presente todos os dias, a preservação do meio ambiente e o cuidado com a natureza fará a criança refletir no tipo de sujeito que será enquanto atuante na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 01 dez. 2018.

CABRAL, Magaly. **Comunicação, educação e patrimônio cultural**. Texto apresentado no Fórum Estadual de Museus do RS. Inédito. Rio Grande, 2002.

CRUZ, Otávio Neto. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DUVERGER, Maurice. **Ciência política: teoria e método**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PLETSCH, Glaucí Kuhn. **As Múltiplas Linguagens Na Educação Infantil**.

Disponível em:

<[http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss16\\_04.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss16_04.pdf)> Acesso em: 26 de ago. 2018

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaina; SOUZA, Ângela Maria Alves; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, v.15, n.2, 2007.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museus e Educação: conceitos e métodos**. In: Cienkt, Porto Alegre, n. 31, jan/jun, 2002, p. 311,312.